

Avelino Fonseca

DOIS MORTOS

... Dois mortos! ... E' banal o título ... Mas quem são? ...

Duas criaturas que, na flor da idade, eram uma glória e uma esperança... Uma glória para seus pais e uma esperança para a terra em que viram pela primeira vez a luz do dia...

Dr. Virgilio de Oliveira Horta e Avelino de Castro Fonseca, de 22 e 24 anos, respectivamente.

Brutalmente, a Morte roubou-os do nosso convívio amigo e do seio amantíssimo de suas famílias desoladas, em Julho do ultimo ano.

Que dizer mais do que já se disse?

Apenas isto: que nunca é tarde para se prestar uma singela mas justa homenagem a quem tanto a mereceu.

Presta-a, joelho em terra, o «Jornal de Sintra», no seu primeiro número, declarando que na sua Redacção, como aliás no coração de todos os que tiveram a felicidade de conhecer as virtudes dos saüdosos Mortos Sintrenses, permanecerá. sempre viva, a saüdade que o seu desaparecimento irreparavel nos legou.



Dr. Virgilio Horta

Oportunidades... Fesia na Colonia Penal Esclarecimento necessário

Na Colonia Penal Agricola «Dr. Antonio Macieira», de Sintra, de que é competentissimo director o nosso bom amigo sr. Tude de Sousa, verdadeiro e devotado apostolo do Bem, realizou um grupo de colonos, no passado dia de Natal, um espectáculo, em «matinée», comemorativo da «Festa da Familia», como preito de homenagem ao st. Tude de Sousa e dedicado ás familias dos srs. empregados da mesma Colónia.

Amavelmente, recebemos convite para assistirmos a essa festa, que - digamo-lo em abono da verdade -, teve o condão de nos enternecer,

Cêrca das 14,30, a improvisada platea estava á cunha. Centenas de convidados de ambos os sexos, rápidamente encheram o «teatrinho». Um Saxo Jazz da Sociedade 1.º de Dezembro, de S. Pedro, gentilmente, associára-se ao sarau. Corre o pano. No palco, o professôr da Colonia, sr. Costa Ferreira, que é recebido com uma prolongada salva de palmas, le um bem modelado discurso, que cai bem no coração da assistencia. Mais aplausós, ao terminar.

O actor Antonio Nascimento, cabaratier da festa, diz uma poesia alusiva ao dia que é. Recebe aplausos. E anuncia a representação do episódio comico em 1 acto, «Rapaziadas», pelos colonos n.º 30 e 75, respectivamente, Augusto dos Santos e Manuel Martins. Ambos os «actores» souberam desempenhar os seus papeis com aquela correcção própria dos seus recursos--ou antes, propria da sua habilidade para a arte de representar, que é boa.

Receberam, no final, muitos e mere-

cidos aplausos

Antonio Gamito, colono n.º 10, nas «Bodas de Ouro», monologo; Raul Marques, colono n.º 81, no monogolo. Se eu quizer não me ralo...»; João Godinho, colono n.º 82, em «Um quadro de Zola»; Antonio Gamito e Augusto dos Santos em «A morte de Dido»; e Albertino d' Oliveira, colono n. 8, em «Espertezas de Maturinho», formaram um conjuncto magnisico, que nos deu um acto em cheio, pelo que os aplausos, da parte da enorme e escolhida assistencia, se não encareceram

Intervalo. Entramos no intervalo, que é curto, que é breve. Apenas o tempo suficiente para, na rua, fumarmos um cigarro. E vamos ao resto, que começa por um monólogo-cómico pelo actor Nascimento, que é bastante aplaudido, seguindo-se « O Estudante Alsaciano», pelo colono João Godinho, que diz bem; «O Zabumba»; canconeta por Manuel Ferreira, colono n.º 92. que merece um «bis»; Canções brazileiras e francesas por Mário Moçambique, colono n." 100, acompanhado à guitarra e viola por dois filhos do sr. Martins dos Santos. o hábil, o competente, o persistente e dedicado ensajador das infelizes vítimas da sorte, que lograram a felicidade de caír nas mãos do venerado apostolo do Bem que é o nosso querido amigo sr. Tude de Sousa, por quem eles têm uma admiração, uma estima e um respeito próprios de um Pai que sabe, pela palavra e pela acção, abrir-lhes novos horizontes na estrada ampla da liberdade e da honradez. para, em vez de colonos, restituir á sociedade uns homens uteis e proveitosos, uns homens dignos de si e das suas familias.

Mário Moçambique, possuidor de uma garganta afinadissima e sa, bisa todas as suas canções, das quais uma foi cantada

Ao iniciar a publicação deste humilde e despretencioso semanário, gerado por uma necessidade consciente e honesta, nunca por qualquer espírito malévolo ou traicoeiro, julgo imprescindivel prestar um esclarecimento aos prezados leitores, esclarecimento que, oxalá, eu soubésse traduzir tão claramente, tão nitidamente, pela singela pena que manejo, como realmente o sinto no coração, em cujo escrinio sagrado jámais se geravam-felizmente -quaisquer más paixões que, uma vez postas em práti-

ca, redundassem em um "Deus para mim e um diabo para os outros".

Nada disso. Toda a gente de bem que me conhece—que me conhece bem—, sabe do que sou capaz. E isto me basta, para poder garantir, à minha consciencia, uma merecida e justa tranquilidade, atravez dos curtos dias que nós andamos neste mundo, gosando as delícias daquela coisa que se chama Vida.

Mas vamos ao esclarecimento:

Sintra, a inebriante e encantadora Sintra, não tinha agora, infelizmente, um jornal seu. Sentindo, bastante, o humilhante pêso dessa imperdoavel, dessa inqualificavel falta dos homens, que significa retroceder e não progredir, lembrei me de chamar a mim esse espinhoso cargo.

Não obstante saber, de ante-mão, o tremendo, o gigantesco vulto de tal responsabilidade, que, quási sempre, representa trabalho ingrato, violento e inglório, quantas vezes propositadamente mal compreendido ou deturpado por quem tinha o dever absoluto de proceder a uma ajuda e não a um atrofiamento, não recuei um passo

ante esta ideia, não descansando emquanto não a visse posta em prática. Confio, agora, não no meu valôr jornalístico, que é tão pobre quão despretencioso, mas no calor do meu entusiasmo e, mais do que isso, no carinhoso afecto da parte de todos os sintrenses dignos de si e da sua terra — e que me queiram ajudar,

Não sou daqui, é certo. É poderia dizer que não sinto, por Sintra, aquela forte dedicação que, por ela, nutrem os seus mais devotados nativos. Mas mentiria, se o fizesse. Mentiria à minha consciencia, mentiria aos meus olhos, mentiria ao meu coração. Se dissésse que não queria tanto a Sintra como quero à terra em que nasci, era mentir desassombradamente! Era plantar escalracho daninho na terra em que, há quâsi 7 anos, procedo ao amanho laborioso e honrado do Sagrado Pão da Familia.

Garanto-o sem lisonja. Afirmo-o sem hipocrisias: eu gósto tanto de Sintra: eu quero tanto a Sintra, como, entre todos os bons sintrenses, o mais fervoroso e apai-

xonado de entre eles lhe quere. E porque não hei de ser assim, se Sintra é retintamente Portuguêsa - e eu me

orgulho de sê-lo tambem?

E porque não hei-de ser assim, se, a par do Pão da Familia, aqui tenho cultivado—ou antes—aqui tenho "conquistado" amisades e simpatias em todas as camadas sociais, predicados que são verdadeiros tesouros que deponho sobre o altar em que assenta a minha imaculada Dignidade de cidadão que se respeita e procura o seu -respeitando e desejando o Bem dos outros?

Não pease, quem me lêr, que pretendo imortalisar o meu nome nas páginas doiradas da literatura local. Nada disso. O que pretendo, e esta ideia me basta, é provar a Sintra que não vim para dentro dos seus muros impunemente, Quero provar que desejo servi la. E se ámanhã, no contacto que vou ter com a opinião pública, porventura errar, uma coisa peço: que me absolvam, que me relevem o êrro-pois ele não será cometido por Mal, mas intencionalmente-motivado pelo Bem!

Procurarei, no entanto, evitar êsse erro. Procurarei, o melhor que soubér e podér, não me desviar do caminho da Sensatez, da Verdade e da Justiça, para, em vez

de inimigos, conquistar mais, muitos mais amigos.

de amigos que preciso aqui dentro. E' de cariahos e afectos que carece a miuha singela obra, pequenissima ante o "muito grande" de que precisa esta terra e seu concelho. E se ámanhã o Jornal de Sintra, por qualquer eventualidade, tiver a mesma sorte que outros jornais locais têm tido, isto é, morrer, uma consolação acalentará a minha mágoa:

O facto de não caír por minha vontade-mas pelas más-vontades dos outros. Conto, no entanto, com a solicitude do povo de Sintra e seu concelho, como conto com o grato acolhimento da parte daqueles que, não sendo de cá (como eu não sou), dentro dos seus muros seculares residem ou têm a sua vida montada.

Ajudem-me! Vamos todos, como bons irmãos, a trabalhar nesta singela cruza-da do Bem. Não nos guerriemos. Não nos degladiemos, dentro da "nossa casa"—para não fazermos córar de vergonha, aos olhos da Civilisação e do Progresso, a encantadôra e inebriante "Sala de Visitas de Portugal".

E s o que, guiado pelo cerebro, o escôpro da minha Vontade desejava esculpir no 1." número do pequeno jornal que hoje entra, de chapeu na mão, reverente e cumprimentador, em vossa casa.

Deem-lhe guarida. Dispensem-lhe franca hospitalidade-porque ele é tanto meu, como é vosso, ou, mais acertadamente, mais vosso do que meu.

Antonio Medina Junior

com certeza, mais pelo coração do que pela garganta...

A plateia manifesta, ruidosamente, o seu contentamento, a sua satisfação, a sua alegria—em face da alegria dos colonos -actores e espectadores, de entre os quais sai um, no seu traje de presidiário em liberdade, com um lindo ramo de flores-para o seu director.

Scena comovedora, francamente. O sr.

Tude de Sousa é chamado ao palco. Sua Ex. a, num sorriso disfarçando uma comoção, tambem «representou», no pequenino palco da colonia, mas «representou» improvisadamente, «representou» com o

Martins dos Santos, funcionário da Colonia, em breves palavras, dirige-se ao seu querido director e fala pelos colonos dalí, por todos os 100 colonos dalí, que

foram colher aquele ramo de flores vicosas ao mais recondito canteiro da sua consideração e lhas depunham aos pés, em sinal comovido de mascula gratidão e respeito — em sinal sincero de votos de boa saúde para o seu carinhoso salva-

O sr. Tude de Sousa — que boa, que generosa alma! -- vai falar. O silencio é profundo em toda a sala. E o seu discurso eloquente transforma se em «conversa» conselheiral para os «seus rapazes», que, com olhos postos no seu ídolo, acabam por se comover até ás lágrimas - como nós, que não somos, felizmente, um colono, mas que temos coração, como eles, e como eles tambem fomos gerados no ventre de uma querida mãe...

E o «espectaculo» recomeça, com a «Céga-Réga Futurista», por Manuel Ferreira, terminando por uma céga-réga de despedida por todos os amadores, no meio dos mais estrepitosos aplausos.

No «palco do vida», isto é, cá fora, numa scena dramática: uma mãe ainda nova, precocemente velha, beijava. banhada em lágrimas, o tilho que talvez lhe désse aquela poeira de neve que lhe ornava a cabeça...

...com o cestinho, vindo comsigo de muito longe, cheínho de pedaços da sua alma-para seu filho, em Dia de Natal. ... na Colonia Penal Agricola de Sin-

...de onde saiem, regenerados, felizmente, filhos dignos da Sociedade-e da

O sr. Tude de Sousa, após o espectaculo, ofereceu um suculento "copo d'agua" a muitos convidados, de entre os quais nos recorda ter visto os srs. dr. Bátista Cambournac, Joaquim Mário Garcia Cunha, comandante dos Bombeiros Voluntários da 1.ª Secção (que se fez representar por uma deputação, bem como a Corporação de S. Pedro e seu comandante, sr. Conceição Pereira), Abilio Car-doso, pelo Jornal "Diario de No-ticias", Alípio Alyes, pelo "Seculo", pessoal de secretaría, chefes e guardas da Colonia Penal, etc., etc.

Num singelo brinde, agradecemos ao ilustre Homem de Bem a consideração que sempre nos tem dispensado, garantindo a sua ex.ª que continuaremos a tê--lo no mais honroso altar da nossa merecida simpatia e admiração.

Usou o sr. Tude de Sousa da palavra. E mais uma vez a sua alma bem-formada

Todos beberam pela saúde de sua ex.ª, pois está nisso o melhor e mais seguro futuro e redenção de uma grande parte de infelizes que a má sina arrastou nara as prisões.

Ah! que se todas as prisões portuguesas fossem uma Colonia Penal Agricula "Dr. Antonio Macieira", com um director como o sr. Tude de Sousa o é, não teriamos dúvidas algumas em afirmar, categoricamente, que haviam acabado em Portugal as verdadeiras escolas do vício

A "Festa da Familia", naquele estabelecimento penal modelo, foi em suma, uma tarde de felicidade e despreocupação para "actores"e espectadores.

Bem hajam aqueles que tal iniciativa